



## Dossiê II Congresso Internacional Psicanálise e Filosofia: Psicanálise e os Labirintos da Alma

### As ideias dão forma às coisas: uma ontologia negativa entre a filosofia e a psicanálise

## Ideas Shape Things: A Negative Ontology Between Philosophy and Psychoanalysis

 Allysson Alves Anhaia

**Resumo:** Este artigo busca propor uma reflexão sobre a interseção entre psicanálise e filosofia política, tendo como fio condutor a negatividade e sua potencialidade ontológica. A partir das teorias de Lacan e Badiou, discutimos como a negatividade, presente tanto na constituição do sujeito quanto na formação da realidade, pode ser compreendida como um contraponto ao realismo capitalista. O texto explora as noções de negação e reconhecimento em Lacan, destacando o papel da negatividade na estruturação da subjetividade e no vínculo com o simbólico e o imaginário. Em um segundo momento é abordado o conceito de acontecimento em Badiou, entendendo-o como uma abertura para o novo que permite ao sujeito romper com as determinações impostas pela lógica neoliberal. A partir dessas análises, propomos uma ontologia negativa que ressignifica categorias fundamentais como sujeito e realidade, argumentando que tal abordagem pode oferecer uma alternativa teórica e política para a superação das imposições normativas e produtivas do capitalismo contemporâneo.

**Palavras-chave:** negatividade; ontologia; acontecimento; realismo capitalista; psicanálise.

### Abstract

This article aims to propose a reflection on the intersection between psychoanalysis and political philosophy, guided by negativity and its ontological potential. Drawing on the theories of Lacan and Badiou, we discuss how negativity, present both in the constitution of the subject and in the formation of reality, can be understood as a counterpoint to capitalist realism. The text explores Lacan's notions of negation and recognition, highlighting the role of negativity in the structuring of subjectivity and its connection with the symbolic and the imaginary. Subsequently, the concept of event in Badiou is examined, understanding it as an opening to the new that allows the subject to break with the determinations imposed by neoliberal logic. Based on these analyses, we propose a negative ontology that redefines fundamental categories such as subject and reality, arguing that this approach can offer a theoretical and political alternative to overcoming the normative and productive impositions of contemporary capitalism.

**Keywords:** negativity; ontology; event; capitalist realism; psychoanalysis.

## 1. Introdução: por que uma outra ontologia?

Vivemos em um contexto no qual a subjetividade e a identidade são atreladas ao atual modelo de produção de uma maneira tão exacerbada que qualquer tipo de existência que não se enquadre no elevado padrão estético, ético<sup>1</sup> e produtivo do capitalismo é tida como patológica e fadada à exclusão, marginalização e sofrimento psíquico. Isso pode ser percebido se nos atentarmos ao processo de medicalização da vida que, além de padronizar uma noção de produtividade que aprisiona o sujeito, atua para produzir uma subjetividade que se mantenha em funcionamento mesmo em uma sociedade que se mostra disfuncional e que inevitavelmente direciona os sujeitos ao adoecimento. Não é à toa que pesquisadores como Vladimir Safatle, Nelson da Silva Junior e Christian Dunker (2020) classifiquem esse estágio do capitalismo como um estágio de gestão do sofrimento psíquico. Contudo, as variadas noções de patologia que determinam a fronteira entre o que seria normal e aceitável daquilo que deveria ser considerado anormal e com necessidade de intervenção não são fundamentadas em marcadores biológicos, identificáveis no corpo do sujeito ou “objetivos”, mas sim em um padrão que visa disciplinar a conduta a partir da norma. Em outras palavras, esse fenômeno que entrelaça identidade, subjetividade e patologia reflete a dominação ideológica do neoliberalismo em sua proximidade máxima com o sujeito. O capitalismo nunca esteve tão integrado ao indivíduo, controlando-o silenciosamente a partir de seu interior por meio de uma normatividade psíquica que transforma o mal-estar estrutural da sociedade em um problema pessoal, supostamente solucionável pela medicalização e adequação. Por conta disso que Safatle (2024) afirma que “permitimos ao saber psiquiátrico entrar em nossas vidas em um grau até então absolutamente inimaginável”. Isso fica ainda mais evidente se levarmos em consideração que desde a criação do DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) em 1952 até a sua última versão em 2013, 413 novas patologias foram “descobertas”. É justamente nessa atuação acentuada da psiquiatria enquanto forma de controle que se fundamenta a nova configuração da estrutura de dominação social do neoliberalismo.

A partir disso, podemos entender que o problema acerca da padronização, patologização e medicalização da vida não é um problema de ordem psíquica, biológica ou mesmo inerente ao ser humano, mas sim um problema de categorias<sup>2</sup>. Por conta disso que a tese de Mark Fisher em seu

---

<sup>1</sup> Aqui nos referimos a uma espécie de ética da prosperidade, na qual a quantidade de renda, bens e posses seriam as garantias da virtude do sujeito, de forma que é permitido que se busque a riqueza a qualquer custo e que o capital seja entendido como o sumo bem, mais importante do que a própria vida ou a dignidade humana.

<sup>2</sup> Esse problema que envolve as categorias é também, em certa medida, o grande ponto de inflexão da filosofia francesa desde a segunda metade do século passado. Lyotard, em seu *A condição pós-moderna* (1979/2009), chama de pós-modernidade esse período de esgotamento das grandes categorias da filosofia como razão, sujeito e verdade. Badiou afirma em seu *Manifesto pela filosofia* (1989/1991, p. 14) que essa crise se dá, sobretudo, ao redor da categoria de sujeito, ainda que velada sobre a defesa pelo abandono da metafísica que, a partir dessa visão, alcançou seu fim. Dessa maneira,

*Realismo Capitalista* (2008/2020) se torna tão poderosa em nosso tempo: é preciso politizar a luta pela saúde mental na mesma medida em que é necessária a desnaturalização do capitalismo, isto é, deixar de entender o capitalismo no formato neoliberal como a única realidade possível para nosso tempo. A partir dessa luta seria possível para as formas de existências que são negadas, excluídas, estigmatizadas e marginalizadas pelo neoliberalismo encontrar um modo de existir que oferece dignidade de forma plena. À vista disso, acreditamos que seria necessário a ressignificação das categorias que foram usurpadas e que agora fazem parte da lógica liberal, sobretudo as categorias de realidade e de sujeito, a partir da intersecção entre filosofia e psicanálise, principalmente da psicanálise lacaniana, na proposta de uma ontologia negativa. Lacan é nosso ponto de partida porque é ele que, a partir de uma aproximação entre a clínica e a filosofia, propõe uma teoria da intersubjetividade na qual o reconhecimento é o ponto inicial não só da subjetividade do sujeito, mas também da própria sociedade.

Da teoria lacaniana nos encaminhamos para a noção de acontecimento de Alain Badiou, que pode ser entendida como uma abertura para o novo. Buscamos, como esse trajeto, uma outra forma de compreender como o capitalismo age no psiquismo e no inconsciente humano para ditar a identidade e modo de pensar dos sujeitos, além de os ensinar como sonhar e desejar. Isso culmina em um aprisionamento que torna todas as existências *sujeitas* ao capitalismo, no mesmo sentido em que se é sujeito à linguagem e ao simbólico na teoria lacaniana<sup>3</sup>. Com base nesse outro entendimento se torna possível, a partir dessa imbricação, começar a propor uma espécie de travessia e potencial superação da ordem capitalista. O acontecimento pode possibilitar essa travessia, que se assemelha à travessia da fantasia<sup>4</sup>, porque ele pode ser entendido como o rompimento da estrutura simbólica a partir de algo contingente e não simbolizado que invade e despedaça o simbólico, possibilitando a

---

é interessante perceber que o problema em questão não é uma novidade ou algo espontâneo, mas sim uma continuação de uma questão mal resolvida que se arrasta há mais de 50 anos.

<sup>3</sup> Na teoria de Lacan, o sujeito só adquire identidade a partir da passagem do registro do imaginário para o simbólico, o que culmina em seu assujeitamento, que corresponde ao \$ lacaniano, ou seja, o sujeito barrado pelo significante. Isso significa que o sujeito passa a não somente obedecer e seguir as regras imposta pelo simbólico para ser reconhecido como sujeito pelos outros, pelo Outro e por si mesmo, mas também depende dessas regras, de forma que não há possibilidade de identidade de outra forma senão através desse assujeitamento.

<sup>4</sup> Isso porque entendemos o estágio atual do capitalismo da mesma forma que Žižek em seu *Sublime objeto da ideologia* (2008) e Mark Fisher em seu *Realismo Capitalista* (2008/2020). Para esses pensadores o capitalismo atua moldando a realidade assim como o registro do simbólico lacaniano, de forma que é ele que está no fundamento daquilo que o sujeito entende como realidade, de maneira que tudo se coloca como contraproposta ou para além do capitalismo, é entendido como irreal, impossível e fantasioso, assim como o registro do real lacaniano. Dessa forma, se a travessia da fantasia [ $\$a$ ] no sentido lacaniano significa abandonar a condição da realidade que é oferecida ao sujeito pelo simbólico em direção ao real que é sem sentido, abandonar o estágio atual do capitalismo também significaria abandonar a condição da realidade, mas que dessa vez é oferecida ao sujeito pelo próprio capitalismo, em direção a uma espécie de real, ou seja, de algo entendido como impossível por estar fora da lógica capitalista e por isso é apreendido como sem sentido.

posterior formação de uma nova estrutura, que pode ser uma estrutura que torne possível a afirmação do sujeito, se contrapondo à ordem capitalista vigente atualmente. Sendo assim, a proposta de uma ontologia negativa visa encontrar um contraponto a ordem capitalista da atualidade a partir da ressignificação das categorias que foram dessubstancializadas e inseridas na lógica do capital com a tarefa principal de politizar a luta pela saúde mental como forma de possibilitar uma existência digna a todas as subjetividades e não só aquelas que se adequem ao modelo de produção do capitalismo.

Assim, em um primeiro momento nos concentramos em discutir a noção de negatividade que aparece na teoria lacaniana, sobretudo nos primeiros anos de seu ensino, com o objetivo de sustentar a fragilidade da noção de realidade que parte do sujeito. Com isso, buscamos nos contrapor ao realismo capitalista, que afirma que tudo o que não se alinha à sua própria lógica é utópico. Contudo, essa oposição não se dá a partir do que o capitalismo considera utópico ou externo à sua lógica, mas sim de dentro, propondo tanto uma disputa pela noção de realidade quanto a implosão da própria ideia de realidade sustentada pelo capitalismo. Em um segundo momento, tratamos sobre a noção de reconhecimento na teoria lacaniana para demonstrar que, além de a realidade ser vazia de sentido, o eu não consegue se estruturar sem o outro. Essa análise do reconhecimento tem o objetivo de, além de propor uma disputa pela categoria do sujeito, se afirmar como um contraponto a um dos pilares do capitalismo, o individualismo, ao expor que o sujeito precisa do outro, não somente para viver em sociedade, mas também para se reconhecer como sujeito.

Por fim, vamos em direção ao acontecimento de Badiou, que pode ser um operador conceitual capaz de permitir tanto a travessia quanto um contraponto ao capitalismo, uma vez que ele pode ser entendido como o rompimento da estrutura simbólica, possibilitando a formação de uma nova estrutura que torne possível a afirmação de toda forma de existência. Além disso, o acontecimento parte do mesmo negatividade sobre a qual se constituem a realidade e o sujeito na teoria lacaniana, de modo que é possível entender a negatividade que surge dessa relação entre psicanálise e filosofia como uma espécie de ontologia negativa, de forma que a partir dessa ontologia, se pode compreender os fenômenos do mundo não como uma estrutura acabada e fechada<sup>5</sup> em si mesma, mas como uma série de fendas e ausências das quais surge o não-ser e sua potência ou vontade de ser.

---

<sup>5</sup> Aqui parece estar o ponto chave disso que, pretensiosamente, chamamos de ontologia negativa. Em nossa leitura está implícita uma espécie de zizekianismo, isto é, a tradição da escola eslovena que propõe uma leitura de Lacan por intermédio de Hegel e vice-versa, por entender a psicanálise tanto de Freud como de Lacan como uma continuação da filosofia hegeliana e, mais do que isso, um hegelianismo levado até as últimas consequências. Nesse sentido, a negatividade que surge da relação entre filosofia e psicanálise tem a capacidade de oferecer uma visão ontologizada daquilo que para a psicanálise são meras condições ou representações da realidade psíquica, de forma que agora as condições antagônicas da sociedade são entendidas como características paradoxais da realidade em si mesma, como condições constitutivas da própria realidade e como a impossibilidade sobre a qual a realidade se organiza. A partir dessa

## 2. A negatividade

Em Lacan, a negatividade toma forma a partir da noção de negação derivada da *Verneinung* que é introduzida por Freud (1925/2011). Para o inventor da psicanálise esse tipo específico de negação teria a função de oferecer ao sujeito a consciência intelectual, através da separação entre aquilo que o sujeito quer preservar dentro de si e aquilo que é rejeitado para fora. A partir do texto freudiano, o psicanalista francês Lacan (1966/1998, p. 895) atribui à *Verneinung* a função de oferecer ao sujeito uma consciência que pode ser entendida como inteligência ou racionalidade, o que ele entende, junto a Freud, como uma primeira separação entre o afetivo e intelectual. O que Lacan visa resgatar do texto freudiano é a gênese do pensamento a partir do negativo, de forma que essa negação surge na sua teoria como uma operação que dá consistência ao eu da consciência que, em um primeiro momento, é estritamente imaginário e que se diferencia do eu do inconsciente, já que é a estrutura da negação que faz a separação entre um mundo afetivo e interior e um intelectual e direcionado ao exterior. A partir disso, a questão da negação na teoria lacaniana corresponde à questão do surgimento do eu consciente que apresenta certa consistência ontológica, tendo em vista que o eu que corresponde ao sujeito é inconsistente, já que se articula ao redor de uma falta estrutural. Por conta disso que a negação enquanto *Verneinung*, para Lacan, diz respeito não somente ao processo que constitui o real enquanto aquilo que está fora da estrutura consciente que permite a consistência do sujeito (ou seja, fora da simbolização), mas também a própria estrutura da resistência neurótica, isto é, daquilo que limita a atuação do real ao mesmo tempo que serve de limite para o registro do simbólico. Em última instância, a questão sobre a *Verneinung* abarca também a passagem e certa delimitação entre os registros lacanianos, de forma que ao enfatizar ainda mais a função de gênese do pensamento a partir da negação, podemos entender que, para Lacan, a negação exerce uma função simbólica: a separação entre o afetivo que representa o corpo e o real de um lado e o intelectual que representa o pensamento, o consciente e o simbólico de outro.

Dessa forma, seria ela também a responsável por imprimir a falta para o sujeito frente a um real que é sem fissura, como afirma Lacan em seu segundo seminário (1978/2010, p. 128), fazendo referência a um real no qual nada falta, uma vez que essa falta ganha forma somente através do simbólico e do imaginário. Isso porque a efetuação da função do juízo que executa a separação entre o afetivo e o intelectual só se torna possível pela criação do que seria o símbolo da negação, uma vez que a negação sempre faz referência à relação do sujeito com seu ser e não do sujeito com o mundo.

---

ontologização não chegamos a um sistema rígido, fechado e totalizador, mas sim uma estrutura aberta que se baseia em uma retroatividade dialética, como ficará claro no decorrer do texto.

Isso significa que a partir da negação que surge uma atitude fundamental de uma simbolicidade explícita, de maneira que é na negação que ocorre o aparecimento do ser em forma de não-ser (Lacan, 1966/1998, p. 901). A negação produz uma espécie de suspensão que seria uma margem de pensamento que permite ao recalcado ser apreendido fora da lógica dos impulsos de atração e expulsão, de maneira que é dessa forma que se dá o aparecimento do ser, já que essa suspensão permite a retomada e reutilização do recalcado na consciência. Ora, se o ser do sujeito é diferente do eu que se encontra na consciência, o símbolo da negação não significa que o que vem desse ser — daquilo que é inconsciente — é negativo, mas precisamente o contrário: significa que a única forma da consciência reconhecer o ser do sujeito é a partir da negatividade. Por isso que “o reconhecimento do inconsciente por parte do eu inconsciente se exprime por meio de uma fórmula negativa” (Lacan, 1966/1998, p. 901). Assim, desde a análise da negação freudiana feita por Lacan pode-se perceber que não se encontra nenhum “não” vindo do inconsciente, mas é o eu consciente que representa o desconhecimento e por isso recorre a fórmula negativa, mesmo quando há conhecimento, pois o “não” da consciência, além de ser a forma de expressar o ser através do não-ser, é o modo pelo qual se encontra a possibilidade de recusar e deter o inconsciente. Desse modo, a *Verneinung* representa para Lacan a distinção entre um real que aparece para o sujeito e um que está para além dele.

Por conta dessa estrutura da falta a partir da *Verneinung*, sobretudo em perspectiva com um real em que nada falta, que se torna interessante a proposta de uma estrutura simbólica do mundo que se mantém aberta, porque dessa abertura se pode extrair uma potência afirmativa que viria do real. Por isso a noção de retroatividade dialética nos interessa, já que é a partir dela que as coisas se tornam aquilo que são, isto é, a partir dela que as coisas adquirem sentido e a experiência do sujeito frente ao mundo é naturalizada, o que dá a impressão de que o sentido sempre existiu. Em outras palavras, essa retroatividade faz referência à cadeia de significantes<sup>6</sup> lacaniana e à significação a partir da metáfora e da metonímia<sup>7</sup>. Mesmo que esse movimento pareça, num primeiro momento, circular e fechado

---

<sup>6</sup> A cadeia do significante faz referência ao processo de significação que não se refere a nenhum objeto que tenha relação com o mundo efetivo, mas exclusivamente com o universo da linguagem. Em outras palavras, a significação funciona de acordo com o significante, de maneira que ela sempre se refere a diferença para com outra significação e assim sucessivamente, nunca se direcionando para o mundo efetivo, mas sempre para algo de anterior, de maneira que o significado desliza metonimicamente na relação de diferença que constitui a cadeia do significante.

<sup>7</sup> A metáfora e a metonímia são, talvez, os conceitos mais originais do linguista russo Roman Jakobson, expostos no artigo *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia*, publicado em 1956. Segundo Lacan (1966/1998a, p. 814), a metáfora e a metonímia são os recursos linguísticos que faltaram a Freud e que poderiam expressar o funcionamento do sistema primário e do inconsciente. Tais recursos são, respectivamente, o efeito de substituição e combinação do significante nas dimensões, outra vez respectivamente, sincrônicas e diacrônicas nas quais eles aparecem no discurso. Assim, esses efeitos linguísticos são utilizados por Lacan para a atualização e estruturação do funcionamento do inconsciente no campo da linguagem, numa espécie de substituição do deslocamento e da condensação propostos por Freud.

sobre si mesmo, ele pode ser lido a partir do acontecimento<sup>8</sup>, que apesar de fazer parecer que nada nunca esteve de outra forma, é aberto por apontar para uma espécie de lacuna, buraco ou fissura justamente na posição da qual o sentido parte para organizar a realidade, que é a falta e o vazio no cerne do acontecimento.

Dessa forma, a mesma estrutura negativa que organiza o sentido do mundo também pode evidenciar no acontecimento a capacidade de não somente abrir espaço para o novo a partir da falta e do vazio, mas também de solapar o velho, de destruir as estruturas, desintegrar e tornar sem sentido a ordem antiga do mundo. A partir disso se torna pertinente analisar a segunda categoria da negação colocada por Lacan, a negação enquanto *Verwerfung*, que para ele (Lacan, 1966/1998b, p. 389) corresponde à negação da negação. Ora, se a *Verneinung* exerce uma função simbólica, a *Verwerfung*, ao negar essa primeira negação, corta pela raiz qualquer manifestação de ordem simbólica, ou seja, corta o processo primário a partir do qual é possível afirmar e faz enraizar o juízo atributivo. A questão acerca desse tipo de negação aparece como primordial para Lacan, de maneira que ela adquira grande importância em seu ensino, já que um primeiro modo de aparição do real é proposto pelo psicanalista a partir dela, antes mesmo da castração. Por conta disso que Lolas (2023/2024, p. 236) afirma que a *Verwerfung* é o “movimento que nos empurra ‘para fora’ de nós mesmos, nos lançando fora do simbólico para o real para poder assumir radicalmente esse impossível que nos perfura”. O que Lacan visa enfatizar com essa aproximação é que por intermédio da *Verwerfung* acontece uma espécie de encontro imediato entre o real e o simbólico a partir daquilo que, num primeiro tempo, foi excluído da simbolização. Esse encontro é imediato porque não acontece mediação do imaginário, de forma que o sujeito, mais do que somente se encontrar com o que está fora do registro do simbólico, encontra uma forma de voltar à afirmação inicial que funda a ordem do simbólico. É como se, a partir da *Verwerfung*, o ser humano conseguisse chegar aos limites do registro do simbólico. Por conta disso que Lacan (1966/1998b, 389) afirma que

A *Verwerfung*, corta pela raiz qualquer manifestação da ordem simbólica, isto é, da *Bejahung* [afirmação] que Freud anuncia como o processo primário em que o juízo atributivo se enraíza, e que não é outra coisa senão a condição primordial para que, do real, alguma coisa venha se oferecer à revelação do ser, ou, para empregar a linguagem de Heidegger, seja deixado-ser.

---

<sup>8</sup> Assim como faz Žižek, por exemplo, em seu *Acontecimento: uma viagem filosófica através de um conceito* (2014/2017), no qual oferece — dentre as várias que aparecem na obra — uma noção de acontecimento simbólico que se assemelha à posição ocupada pelo significante mestre na cadeia de significantes lacaniana.

O que visamos salientar é que enquanto a *Vernainung* representa a negatividade pela qual o sujeito se articula no mundo, a *Verwerfung* seria a negatividade enquanto uma espécie de potência negativa que nos permite, de certa maneira, ignorar essa primeira estrutura negativa rumo ao acontecimento. Isso porque é possível entender que há um campo infinito de coisas positivas fora do simbólico, mas que jamais se tornam objetos de nossa experiência e por isso só podemos nos referir a elas de maneira negativa, cientes de que são “em si mesmas” plenamente positivas. Assim, enquanto na negação direta o sujeito percebe apenas uma mudança no objeto, na negação da negação o sujeito se inclui no processo de mudança, modificando também sua própria posição, ou seja, a negação direta é o reconhecimento de uma cisão entre o sujeito e o objeto, já a negação da negação seria a superação dessa cisão.

É a partir disso que se estrutura a tese lacaniana de que a realidade, para que faça sentido para o sujeito, deve ser suplantada pela fantasia<sup>9</sup>, uma vez que o real por si só é percebido em sua consistência negativa. O que nos interessa é que essa falta de consistência ontológica do real é intransponível, mas também é negada e preenchida com algum conteúdo imaginado e positivado. Nesse sentido, a negatividade pode ser lida como um representante da distância entre a realidade fantasiada e imaginada pelo sujeito e o real, de formar que no espaço dessa distância reside uma potência positiva, que pode ser entendida como a capacidade que o ser humano apresenta de positivar o mundo. Isso vai de encontro com o que coloca Žižek (2012/2013, p. 124) ao afirmar que o grande poder da mente humana não é ver mais, mas precisamente o contrário, ver menos, uma vez que a negatividade apresenta o poder positivo de ignorar certas partes da realidade. O que fica evidente dessa leitura é que a própria estrutura da percepção do sujeito imprime a negatividade no mundo e é por conta dessa negatividade que todas as coisas são percebidas de maneira positivada pelo sujeito. O que isso significa é que por trás das cortinas dos fenômenos só existe o que o sujeito coloca lá a partir da positivação da negatividade.

---

<sup>9</sup> Segundo Lacan (2001/2003, p. 364), “o valor da psicanálise está em operar sobre a fantasia. [...] donde se afirma, atentando unicamente para isso, que a fantasia constitui o enquadre da realidade”. A fantasia [*\$\Delta a*] é, na teoria lacaniana, aquilo que protege o sujeito do encontro com o real e o que fornece as coordenadas da capacidade do sujeito de desejar. Isso porque é ela que efetua o lugar de constituição do objeto. O objeto se constitui na fantasia a partir do encontro com o desejo do Outro (do registro do simbólico como um todo), no qual o sujeito se coloca como objeto e este objeto é a parte do sujeito que importa para o Outro, de forma que o sujeito vive uma experiência de separação. Contudo, o desejo do sujeito continua progredindo em direção ao Outro e se choca com a falta, uma vez que a plenitude que o sujeito enxergava no Outro é da ordem do imaginário. Com esse choque, resta apenas o caráter imaginário do Outro, a partir do qual Lacan criou o outro como a minúsculo [*autre*], que não é o Outro propriamente dito, mas sim o objeto que o sujeito destaca imaginariamente do corpo do Outro, ou seja, o *a* como objeto, o *objeto a*, o objeto causa do desejo. Rech (2012, p. 195) destaca que o *objeto a* se sobrepõe a sua própria perda ao surgir no próprio momento de perda, de modo que todas as suas encarnações são figurações metonímicas do vazio. Dessa forma, ele continua dentro do horizonte do desejo, pois o verdadeiro objeto causa do desejo é o vazio preenchido pelas suas encarnações fantasmáticas.

Nesse sentido, o sujeito se dá como uma não-posição ontológica, ou seja, um sujeito que não apresenta consistência ontológica e que não é outra coisa a não ser um vazio, um buraco, um real que se coloca como uma perfuração na lógica positiva, e que, como diria Lacan, não cessa de não se inscrever, uma vez que esse vazio, ao mesmo tempo que faz parte do sistema de percepção humana da realidade, é não localizável, não perceptível e não apreensível. Em última instância, o sujeito que surge a partir da ontologia negativa é menos que nada (Žižek, 2012/2013), isto é, aquilo que, ao mesmo tempo e num movimento cíclico, perfura e fundamenta o próprio sistema epistemo-ontológico que o torna humano. E é justamente aí que a noção da realidade pode ser questionada, uma vez que o sujeito marcado pela negatividade é uma contingência que pode ser lida como possibilidade se houver um deslocamento de uma ontologia positiva para uma ontologia que empregue o nada como uma substância e que não evite esse vazio que não se deixa inscrever, representar ou simbolizar. Contudo, partir desse vazio implica partir de uma realidade que é sempre fantasiosa, que não corresponde com o real e muito menos com a verdade, já que admite que é o sujeito que, a partir do simbólico, cria os objetos e o mundo à sua volta, de forma que não existe uma realidade natural e imutável, e nem uma que deve ser almejada como fim e último estágio da humanidade, como quer ser visto o realismo capitalista. Assim, partir do que se pretende uma ontologia negativa significa partir também de uma outra noção de realidade que é se mantém aberta a possibilidades e, sobretudo, ao novo, de modo que apresenta a capacidade de solapar o realismo capitalista.

### 3. O reconhecimento

A negatividade também aparece em Lacan como ponto nevralgico da constituição da identidade do sujeito a partir das alienações nos registros do simbólico e do imaginário, alienações que permitem ao sujeito o reconhecimento e a identidade e tem caráter permanente. A primeira ocorre por intermédio da imagem e confere totalidade ao sujeito que antes sentia e aprendia seu corpo despedaçado e não conseguia diferenciá-lo dos demais objetos do mundo. A segunda ultrapassa essa primeira na tentativa de conferir uma identidade mais sólida ao sujeito, e se configura como o assujeitamento ao registro do simbólico. Contudo, além da negatividade, a figura do outro<sup>10</sup> exerce

---

<sup>10</sup> O Outro iniciado em maiúscula, muitas vezes chamado de grande Outro, difere do pequeno outro na teoria lacaniana porque o segundo é percebido como um duplo de si mesmo pelo sujeito, de forma que o sujeito se enxerga no outro, já que esse outro é o lugar onde o sujeito encontra situado seu desejo, é a figura em que ele se projeta, de forma que a simbolização desse outro só é possível a partir do imaginário, como visto na nota anterior. Já o Outro é aquilo que é radicalmente diferente do sujeito, aquilo no que o indivíduo não enxerga um reflexo seu e que por conta disso está em uma outra ordem que não a do outro e a do indivíduo. Contudo, por ser o representante do significante e do registro do simbólico, é esse Outro que imprime identidade ao sujeito, porém uma identidade relativa, sempre em relação a algo de fora, de maneira que o sujeito não é aquilo que o significante aponta para ele, mas apenas se encontra nesses significantes.

função fundamental na estruturação dessas alienações e na formação da identidade do eu consciente, de tal forma que, segundo Lacan (1975/2009, p. 72), o sujeito se dá como correlato do outro. Isso significa que, além de se alienar nos registros do simbólico e do imaginário, o sujeito é alienado de si mesmo por conta da constituição de seu eu através do outro. Em outras palavras, o eu e a realidade que advém dele são sempre alienantes, já que o eu é a imagem de si mesmo refletida no outro de forma que quanto mais o sujeito se afirma como eu, ou seja, quanto mais adquire consistência e identidade, mais ele se aliena. Dessa maneira, é por intermédio do outro que o sujeito adquire identidade e passa a ser um “eu” a partir dessa série de identificações que primeiro são imaginárias se tornam simbólicas.

A figura do outro ocupa esse papel central porque além de ser o responsável pela constituição da identificação como totalidade do sujeito, é onde o sujeito reconhece seu desejo. Isso porque, em Lacan, o sujeito reconhece seu desejo, não somente a partir de sua própria imagem, mas também através do corpo do seu semelhante. Nas palavras do psicanalista (Lacan, 1975/2009, p. 196), “é exatamente aí, nesse momento, que se isola, no ser humano, a consciência enquanto consciência de si. É na medida em que é no corpo do outro que ele reconhece o seu desejo e que a troca se faz”. Nesse ponto Lacan utiliza da *Dialética do senhor e do escravo* de Hegel<sup>11</sup>, mas com uma leitura muito influenciada por Kojév<sup>12</sup>, para exemplificar a tomada de consciência do desejo a partir do outro. Para o psicanalista, o senhor tem essa posição porque assim é reconhecido pelo escravo, enquanto o escravo, da mesma maneira, se identifica como escravo porque assim é reconhecido pelo seu senhor. Todavia, sem o escravo o senhor não seria senhor, e sem senhor o escravo não seria escravo. Surge aí, além de uma relação hierárquica, uma relação de codependência, na qual ambos sabem, mesmo que inconscientemente, que tem poder e determinam a identidade do outro. A partir do momento que o sujeito reconhece o corpo do outro não mais como um objeto ou como um duplo de si mesmo, mas como um outro sujeito que deseja, ele reconhece também uma parte de seu desejo,

---

Segundo Lacan (1973/1985, p. 213), “o sujeito aparece primeiro no Outro, no que o primeiro significante, o significante unário, surge no campo do Outro, e no que ele representa o sujeito para um outro significante”.

<sup>11</sup> Lacan teria se fundamentado na filosofia hegeliana no que se convencionou chamar de primeiro estágio de seu ensino, principalmente durante seus três primeiros seminários, onde é bastante forte a utilização da dialética do senhor e do escravo — muito influenciada pela leitura de Kojève, mas também pelo diálogo com Jean Hyppolite — ao abordar a temática do reconhecimento na tentativa de extrair do sistema hegeliano um paradigma de racionalidade fundado na intersubjetividade para a psicanálise. Contudo, sabe-se que inúmeras leituras da dialética do senhor e do escravo não cessam de aparecer durante a longa trajetória do ensino de Lacan.

<sup>12</sup> É interessante levar em consideração o que expõe Bento Prado Jr. (2022, p. 143) ao dizer que o que Lacan encontra na teoria hegeliana por intermédio de Kojève é uma linguagem mais adequada para aquilo que ele já vinha defendendo desde sua tese de doutoramento. Isto é, uma leitura que transforma a *Fenomenologia do Espírito* numa espécie de antropologia que descreve o nascimento da humanidade a partir da animalidade, a partir da mediação entre sujeito e objeto do desejo pela presença do outro, que culmina na instauração da negatividade.

de forma que tal desejo passa do sujeito para o outro e retorna ao sujeito. Desse modo, o desejo é apreendido por meio da imagem do outro que também dá ao sujeito a fantasia de domínio. O que faz com que haja a mudança, com que o desejo não retorne do outro para o sujeito sendo o mesmo, da mesma maneira que faz como que o outro não seja mais apreendido como um duplo do sujeito, é o registro do simbólico, é a característica de o desejo sempre voltar verbalizado. Isso porque a dialética do eu e do outro é transcendida pela ordem do simbólico, uma vez que é essa ordem, através do sistema da linguagem, que define as posições dos sujeitos na sociedade. A partir desse movimento de troca, o sujeito se esgota a perseguir o desejo do outro<sup>13</sup> que nunca será apreendido como seu próprio desejo, já que o seu desejo é o desejo do outro, de modo que o que ele persegue, na realidade, é a si mesmo.

Sendo assim, é no outro que o desejo é visto antes de ser reconhecido pelo simbólico, já que antes de adentrar na linguagem o desejo só existe no campo da relação imaginária, onde ele é projetado e alienado na imagem do outro e é partir do mundo dos símbolos é que o desejo se torna suscetível de ser reconhecido. Lacan continua utilizando a dialética do senhor e do escravo ao fazer referência ao aniquilamento que para ele se dá pela rivalidade absoluta entre os desejos do senhor e do escravo, de forma que, nessa perspectiva, o desejo do aniquilamento do outro é o suporte para o desejo do sujeito. Contudo, é a partir do registro do simbólico, para o psicanalista parisiense, que esse impasse é resolvido, porque é através desse registro que é possível o reconhecimento, sem o qual a “função humana só poderia esgotar-se na aspiração indefinida da destruição do outro como tal” (Lacan, 1975/2009, p. 225), o que tornaria a coexistência humana impossível. Portanto, o desejo é realizado no e pelo outro, de forma que é nele que o sujeito se completa como eu e conclui as alienações impostas pelo imaginário e pelo simbólico que dão forma a realidade. Dessa maneira, além de exercer papel central na constituição da identidade do sujeito, a lógica do reconhecimento exerce também função importante na constituição do desejo do sujeito, trabalhando junto com a fantasia [ $\$ \diamond a$ ], para que seja possível, ao mesmo tempo, evocar e encontrar lugar para a negatividade que estrutura a o sujeito e as coisas a sua volta.

Desse modo, a função do outro frente ao sujeito e ao desejo, bem como toda a lógica do reconhecimento do sujeito na teoria lacaniana parece nos conduzir a uma teoria do sujeito que leve em conta aquilo que a psicanálise impôs ao debate filosófico, isto é, a irreducibilidade ontológica da

---

<sup>13</sup> Aqui podemos entender como opera a formulação de que todo desejo é o desejo do outro de Kojève e que encontra eco na teoria de Lacan. Segundo Nascimento (2016, p. 164), essa lógica opera num triplo sentido. Primeiro: todo desejo é desejo do outro no sentido que é o outro que deseja por nós; segundo: todo desejo é o desejo do outro porque o outro é por nós desejado, e por fim, todo desejo é o desejo do Outro porque se deseja o desejo de uma ordem simbólica, isto é, desejamos responder as expectativas que nos depositam.

subjetividade, e no caso específico de Lacan, pensar a subjetividade (a figura do sujeito) com um distanciamento da noção de identidade. Isso porque o reconhecimento, esse jogo de troca do desejo do sujeito pelo desejo do outro, estabelece o critério que sustenta o registro do simbólico no qual o sujeito termina sua constituição. Isso significa que, segundo Safatle (2006, p. 28), “Lacan demonstrou como todo conhecimento possível estava submetido ao reconhecimento prévio entre sujeitos”. O que está em jogo é que a partir de uma espécie de coisificação de subjetividade a teoria lacaniana consegue expor o caráter ficcional da realidade, isto é, a partir de uma leitura da realidade como uma teia intersubjetiva sobre o real, é possível explicitar as ilusões metafísicas que envolvem a totalidade que entendemos como realidade. Em última instância, o que nos chama a atenção nessa lógica proposta por Lacan é a fragilidade daquilo que fundamenta nossa realidade exposta: a própria noção de um sujeito consciente que agora é alienado e que não é redutível a sua identidade, inclusive ontologicamente. O sujeito lacaniano é incidido, vazio e é algo diferente da identidade que toma forma a partir do eu consciente, o que faz com que o frágil sistema que se baseia na figura do eu como ponto central seja facilmente obliterado. Esse sistema que se sustenta no eu na atualidade não é outro senão o capitalismo em seu formato neoliberal. Basta lembrarmos da célebre frase de Thatcher afirmando que não existe sociedade, o que existe são indivíduos e suas famílias. Ao expor a fragilidade do eu, a psicanálise lacaniana acaba por expor também a fragilidade do capitalismo que vê nesse mesmo eu, nessa instância mínima da sociedade, um individualismo exacerbado que o distancia de toda e qualquer forma de atuação social, ou mesmo dessa teia subjetiva sobre o real que fundamenta e torna possível a própria noção do eu. Mesmo assim, mascarando e comprometendo a formação do eu consciente, o capitalismo consegue mascarar também a constante precarização, o desgaste e a implosão das relações sociais e interpessoais utilizando a própria noção de eu que causa esses problemas.

Sendo assim, partir de um sujeito alienado, que precisa do outro para adquirir identidade e que não corresponde com sua identidade se faz não apenas como um contraponto, mas também como uma forma de começar a lutar contra essa lógica de individualização que Žižek (2014/2017, p. 167) chama de o último triunfo do capitalismo, isto é, a ideia de que cada trabalhador deve se tornar um empresário de si mesmo e seu próprio capitalista. Essa falsa identificação distorcida por parte do trabalhador faz com que seus direitos básicos sejam igualados a investimentos que devem ser pensados e calculados pelos sujeitos visando única e exclusivamente o sucesso do ponto de vista capitalista. O que se tem disso é que o trabalhador tem que escolher livremente em que investir, uma vez que ele se identifica como seu próprio empresário, ao ter que escolher entre gastar seu salário

com alimentação ou com um curso de capacitação, o trabalhador se vê no mesmo nível de decisão que o capitalista que tem de decidir em qual empresa irá investir. Efetivamente, a divisão formal entre trabalhador e capitalista é obliterada através dessa nova identificação, de forma que, frequentemente, o indivíduo troca seus direitos básicos, como comida, educação ou moradia, por oportunidades de negócios. Entretanto, a liberdade de escolha que é imposta aos indivíduos, na verdade, é a própria forma de servidão, são os próprios grilhões que prendem o trabalhador a sua miséria, tudo isso sem a necessidade material de um capitalista ou senhor. Ou seja, o último triunfo do capitalismo é modificar a apreensão do mundo do sujeito, eliminando a diferença efetiva entre empregador e empregado, de forma que, além de mostrar ao sujeito o que ele precisa e deseja, ela também molda a forma com a qual os indivíduos se relacionam com a realidade, imprimindo essa noção de exigência de iniciativa e de hiper-responsabilização individual do sujeito.

#### 4. O acontecimento

Nesse sentido, nossa proposta vai na mesma direção que aponta Lolas em seu *A barca de NosOtros* (2023/2024), isto é, se torna necessário o rompimento com a ordem simbólica e com o discurso neurótico do capitalismo a partir de uma “psicotização” do sujeito que se caracteriza pelo abandono do simbólico estruturado pela *Vernainung* e gradual entrada no real que se estrutura pela *Verwerfung*. No entanto, para nós, essa entrada se dá pelo acontecimento proposto por Badiou, lido como um operador conceitual que se articula e aparece a partir do vazio, além de apresentar certa capacidade de oferecer uma suspensão momentânea da ordem simbólica e sua posterior reformulação. Para Badiou o acontecimento é um surgir infundado, uma multiplicidade que não encontra para si fundamento no mundo que é apreendido pelo sujeito. Contudo, é importante ressaltar que ele não remete somente a algo fora do habitual, a alguma coisa extraordinária, inesperada, chocante ou disruptiva. Para o filósofo o acontecimento faz referência justamente ao estatuto negativo da realidade que se apresenta para o sujeito, uma vez que ele aparece na borda do vazio<sup>14</sup>. Dito de outro modo, o acontecimento representa, na teoria de Badiou, a passagem de um mundo que é indiscernível — ou seja, que não faz parte do simbólico, que não se apresenta para o sujeito com sentido — para um que pode ser apreendido. Dessa forma, o acontecimento pode ser entendido como uma abertura inicial para a materialidade do mundo que permite que o sujeito formule um sentido do qual parte toda a

---

<sup>14</sup> “Chamarei de sítio eventual um múltiplo como esse totalmente a-normal, isto é, tal que nenhum de seus elementos é apresentado na situação. O próprio sítio é apresentado, mas, ‘abaixo’ dele, nada do que o compõe o é, de modo que o sítio não é uma parte da situação. Direi também de um múltiplo como esse (o sítio eventual que ele está na borda do vazio, ou é fundador)” (Badiou, 1988/1996, p. 144).

estrutura simbólica e subjetiva que sustenta a realidade e o desejo a partir da fantasia. Por conta disso que para Badiou é a fidelidade<sup>15</sup> ao acontecimento que emprega consistência ontológica ao mundo, ou seja, permanecer fiel ao mundo que tomou forma a partir da organização subjetiva e individual a partir do acontecimento.

Assim, o que está em jogo a partir dessa ontologia negativa é a possibilidade de encontrar algo que posa afirmar a existência do sujeito no ponto em que ele se apaga a partir de uma inversão: se, para determinado lacanismo, o núcleo do sujeito não apresenta determinação positiva, mas funciona a partir de determinações negativas e diferenciais, a negatividade seria a única coisa capaz de criar algo *ex nihilo*. Isso porque, no início (mesmo que seja um início mítico) apresentado tanto por Lacan como por Badiou, não há nenhum Um substancial, mas o próprio nada, isto é, o conjunto de multiplicidades contingentes<sup>16</sup>. Cada Um (que é operação que dá forma a multiplicidade a partir da simbolização de uma unidade ou totalidade<sup>17</sup>) que vem depois surge por meio da relação desse nada consigo mesmo. Em outras palavras, o nada como negação, falta ou vazio não é primeiramente a negação de um ente positivo, mas a negação de si mesmo que possibilita a positivação do mundo. Frente a isso, existe um momento nesse processo em que é uma decisão ou uma aposta do sujeito que estabiliza o mundo, que cria o Um, uma vez que não há nenhum “mundo” fora da linguagem, nenhum mundo cujo horizonte de significado não seja determinado pela ordem simbólica. É imprescindível ressaltar que, conforme argumenta Rossi (2015, pp. 14-15), a noção do acontecimento em Badiou está diretamente influenciada por Lacan, de forma que o próprio filósofo afirma ter extraído o acontecimento daquilo que Lacan chama de encontro, *exaiphnes*, o súbito. Nas palavras de Badiou (1997, p. 8): “como li Lacan, não comecei minha filosofia pelo ‘Um é’, mas pelo ‘há Um’”. Desse modo, a empreitada do filósofo francês é a de encontrar um começo que não é submetido à norma unificadora da filosofia, seu axioma, que impõe um modo fixo de pensar, de maneira que ele desiste do empreendimento simbólico como princípio de que o “um é” e admite esse um como uma norma externa do pensar. Ou seja, ele recusa a tese filosófica que afirma que “o um é” e admite a tese

---

<sup>15</sup> Badiou define a fidelidade como a aposta que o sujeito faz ao decidir sobre o indecível do acontecimento, ou seja, aquilo que está de fora do que pode ser simbolizado, fora de qualquer saber estabelecido. Essa aposta é expressa pelo filósofo (Badiou, 1994, p. 179) no enunciado: “Deu-se isto, que eu não posso calcular, nem mostrar, mas a que permanecerei fiel”.

<sup>16</sup> Para Badiou (1988/1996, p. 45), o ser não corresponde com o Um, mas sim com diversos elementos — aos quais ele chama de múltiplos — que, por sua vez, são compostos por outros elementos, ou seja, outros múltiplos. Assim, múltiplos são formados por múltiplos, até que se chegue a um ponto de interrupção que está por trás de todo múltiplo, que é o vazio.

<sup>17</sup> Segundo Rossi (2015, p. 33), o Um, em Badiou, não passa de uma metáfora para se referir ao poder da linguagem de realizar o discurso sobre o ser, o Um como totalizante de sentido. Assim, ao se desviar do um, o filósofo “[...] visa propor outra via de acesso ao ser, que não seja através da submissão a um sentido pré-existente controlado por um poder normativo totalizador”.

lacaniana de que “há um”. Frente a isso, essa potência negativa da qual depende o novo e que surge do acontecimento pode ser entendida também como uma negatividade produtiva que gera a realidade do sujeito a partir de uma negação que é sempre-já a negação da negação, o movimento produtivo de seu próprio desaparecer.

O que fica explícito dessa relação entre negatividade e acontecimento é que Badiou se coloca com herdeiro de determinado lacanismo na tentativa de propor uma ontologia materialista, no sentido que não tenta superar, mascarar ou esconder o caráter negativo daquilo que existe, de modo que torna explícito o fundo sem fundo do real evidenciado por Lacan. Sendo assim, Badiou continua a empreitada lacaniana de encontrar lugar para o vazio e a falta no sistema de conhecimento humano e por isso parte de um múltiplo vazio ao invés do Um positivo e totalizante. Ao mesmo tempo visa recuperar uma filosofia em seu sentido forte<sup>18</sup>, capaz de se colocar como um contraponto ao modelo capitalista que se afirmou como um modo de pensamento hegemônico desde o século passado, culminando no realismo capitalista atual. Isso é feito através da conservação da estrutura lógica do mundo a partir da categoria do sujeito, de forma que o acontecimento encontra lugar no interior dessa estrutura. Mais do que isso, o acontecimento é o início dessa estrutura que começa com o sujeito, ou seja, é de onde é possível a criação do mundo e das coisas, enquanto a fidelidade ao acontecimento é de onde surge o sentido empregado a esse mundo e essas coisas que são criadas pelo sujeito. Assim, além de se apresentar com uma abertura para a criação e a fundamentação de uma nova realidade e um novo sentido para o sujeito, o acontecimento evidencia que não existe uma realidade natural, ou ainda uma realidade que seja única ou incontornável, seja pela própria estrutura fundada no vazio ou pela anterioridade do múltiplo ao um, o que implica que o sentido daquilo que se entende como realidade depende de uma relação de fidelidade do sujeito com o próprio acontecimento. Desse modo, o trajeto que vai de Lacan a Badiou e que atrela as noções de negatividade, ontologia e acontecimento se coloca com um contraponto que aponta para as fragilidades do capitalismo enquanto ideologia: se levarmos em conta o que foi evidenciado não somente por Lacan, mas por toda uma tradição filosófica do século XX, não há nada mais metafísico do que uma noção de realidade totalizante e que se enxerga como natural e se esconda do vazio que ronda a estrutura que torna possível o conhecimento

---

<sup>18</sup> Todo o projeto filosófico de Badiou parece ser o de recuperar a capacidade de um pensamento afirmativo na filosofia, numa espécie de superação de crítica contemporânea que decretou o fim da metafísica, bem como na retomada da centralidade da ontologia, em contraste com paradigma epistemológico instaurado desde Kant e acentuado por Heidegger. Por conta disso que a filosofia de Badiou visa a uma espécie de ontologia materialista, uma vez que a metafísica não tem mais lugar no mundo contemporâneo. A partir desse projeto, surge uma outra definição do que é a filosofia e a uma inédita noção do *ser-enquanto-ser* suturado subtrativamente ao discurso vazio da matemática, o que acaba por afastar o ser de qualquer noção de presença, unidade, sentido e objeto.

humano. A partir dessa ontologia negativa e do acontecimento é possível propor uma inversão e afirmar que é o próprio realismo capitalista que é utópico, fantasioso e carente de sentido, uma vez que é fundamentado em uma realidade metafísica, enquanto todas as outras realidades que ele tenta manter de fora é que são incontornáveis e o verdadeiro campo de possibilidades para o nosso tempo.

## **5. Considerações finais: para além da fantasia capitalista**

A negatividade que se dá como fio condutor deste artigo é relativa e apenas aparente, de forma que propor uma ontologia negativa não significa que o ser do sujeito é vazio ou que parte de uma negatividade, de maneira que os seres humanos ou o mundo sejam essencialmente negativos, mas sim que única forma que compreender esse ser em sua totalidade é justamente a partir daquilo que escapa e assume uma posição de fora do sistema da racionalidade humana. Nesse sentido, o que é negativo é a forma como o ser do sujeito é apreendido e não propriamente o ser. Dessa maneira, ao tratar da negatividade e do reconhecimento na teoria lacaniana, buscamos transpor da psicanálise para a filosofia a noção de uma realidade não natural, mas que é criada pelo sujeito, bem como uma identidade que não tem fundamento. Em outras palavras, com uma leitura ontologizante da psicanálise, se propõe uma realidade com estrutura aberta, que encontra espaço para o novo justamente a partir de uma inversão da noção de negatividade. A partir da tríade lacaniana dos registros do real, simbólico e imaginário, é possível entender a negatividade como a forma pela qual o ser do sujeito encontra para aparecer, de modo que ela se torna a estrutura, os limites e fundamentos não apenas da realidade, mas também do próprio sujeito. Assim, uma ontologia negativa significa entender o ser do sujeito como uma potência em meio a uma estrutura aberta que só se diz e se apreende por intermédio da negatividade. E é justamente essa potência que entendemos que pode ser um contraponto para o atual estágio do capitalismo através de uma leitura que propõe a convergência entre ontologia, psicanálise e filosofia política.

Dessa forma, ao propor uma ontologia negativa que ressignifica as categorias de realidade e sujeito, buscamos evidenciar as fragilidades do realismo capitalista, que passa a ser entendido como mais uma fantasia ou alienação na qual o sujeito precisa se basear para sustentar a sua existência. Além disso, também tornamos explícito como a interseção entre psicanálise e filosofia pode oferecer ferramentas conceituais para um rompimento com essa lógica que acarreta o sofrimento psíquico. Nesse sentido, tanto a negatividade da teoria lacaniana quanto o acontecimento em Badiou podem fornecer um horizonte para pensar uma ruptura com o paradigma neoliberal. Essa ruptura, contudo, não se dá apenas por uma oposição externa, mas pela desconstrução interna das narrativas que

sustentam o capitalismo como natural ou inquestionável. Assim, mais do que apenas resistir à lógica capitalista, propõe-se uma abertura para novas formas de existência que integrem o vazio e o múltiplo como elementos centrais na constituição da realidade e do sujeito. Desse modo, entendemos que a articulação entre filosofia e psicanálise permite não só uma crítica às estruturas dominantes, mas também uma proposta de reconstrução de categorias que abram espaço para o novo. É nessa reconstrução que reside a possibilidade de superar o realismo capitalista, afirmando uma realidade aberta e múltipla, na qual o sujeito possa existir para além das imposições normativas e produtivas do capitalismo contemporâneo.

## Referências

- Badiou, A. (1988). *O ser e o evento*. (Trad. Maria Luiza X. de A. Borges). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- Badiou, A. (1989). *Manifesto pela Filosofia*. Rio de Janeiro: Aoutra, 1991.
- Badiou, A. (1994). Verdade e sujeito. (Trad. Jean Briant). *Estudos Avançados*, 8(21), 177-184.
- Badiou, A. (1997). Lacan, antifilosofia e o real como ato. (Trad. Ana Lúcia Teixeira). *Letra Freudiana*, 16(22), 3-23.
- Dunker, C., Silva Junior, N. e Safatle, V. (Orgs.). (2020). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte, Autêntica.
- Fisher, M. (2008). *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo que o fim do capitalismo?* (Trad. Rodrigo Gonçalves, Jorge Adeodato e Maikel da Silveira). São Paulo: Autônoma Literária, 2020.
- Freud, S. (1925). A negação. In S. Freud. *Obras completas* (vol. 16; pp. 275-282). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Lacan, J. (1966). Comentário falado sobre a “Verneinung” de Freud por Jean Hyppolite. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 893-902). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- Lacan, J. (1966a). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.
- Lacan, J. (1966b). Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 383- 401). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b.
- Lacan, J. (1973). *O Seminário Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (Trad. M. D. Magno, 2. ed.). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

- Lacan, J. (1975). *O seminário livro 1: Os escritos técnicos de Freud* (Trad. Betty Milan, 2. ed.). Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- Lacan, J. (1978). *O seminário livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. (Trad. Marie Laznik Penot e Antônio Quinet, 2. ed.). Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- Lacan, J. (2001). *Outros Escritos*. (Trad. Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- Lolas, R. E. (2023). *A barca de NosOtros: Os rostos de Sade*. (Trad. Allysson Anhaia e Eduardo Ribeiro da Fonseca). Curitiba: Ed. do Autor (Filosofia de Combate), 2024.
- Lyotard, F. (1979). *A condição pós-moderna*. (Trad. Ricardo Cortes Barbosa, 12. ed.). Rio de Janeiro: José Olympio. 2009.
- Nascimento, U. (2016). Repensando o sujeito: Lacan e a gênese do sujeito inconsciente. *AnaLógos*, 1, 162-172.
- Prado Jr, B. (2022). *Hegel e Lacan: Cinco conferências em Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Zagodoni.
- Rech, H. L. (2012). Slavoj Žižek: Sujeito, Saber Científico e do Inconsciente e Ato Educativo. *Revista Dialecticus*, 1, 193-210.
- Rossi, A. M. (2015). *Ontologia e acontecimento no pensamento de Alain Badiou*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- Safatle, V. (2006). *A paixão do negativo: Lacan e a dialética*. São Paulo: Editora UNESP.
- Safatle, V. (2024). Uma era de crise psíquica. *Revista Cult*, 311.
- Žižek, S. (2008). *The Sublime Object of Ideology*. Londres/Nova York: Verso.
- Žižek, S. (2012). *Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético*. (Trad. Rogério Bettoni). São Paulo: Boitempo, 2013.
- Žižek, S. (2014). *Acontecimento: Uma viagem filosófica através de um conceito*. (Trad. Carlos Alberto Medeiros). Rio de Janeiro: Zahar. 2017.